



Modalidades de produção fumicultora no Rio Grande do Sul e particularidades das variáveis tecnológicas e do trabalho.

Rita Inês Paetzhold Pauli;

Eduardo Miotto Flech; Luís Otávio Lucas*

Resumo: O artigo busca explicitar a tecnologia e as particularidades do trabalho das famílias produtoras de fumo tipo estufa, fumo de galpão e fumo em corda, em Sobradinho – RS. A escolha desse município para a análise deve-se principalmente ao fato deste apresentar em seu território a existência das três modalidades em estudo. A pesquisa utiliza a revisão da literatura especializada, informações de pessoas-chave e dos resultados da aplicação de 40 questionários no município analisado. As principais conclusões são que o fumo estufa é que mais necessita de mão-de-obra dentre as três modalidades estudadas, todavia o tipo de exploração que mais utiliza trabalho de terceiros é aquela que combina a produção de fumo estufa e fumo de galpão. A análise da tecnologia utilizada e das particularidades infra-estruturais das propriedades permitiu mostrar a influência destes componentes na escolha das modalidades produtivas pelos produtores de fumo.

Palavras-chave: Tecnologia. Trabalho. Fumicultura.

Abstract: The article searches to show the technology and the particularities of the work of the producing tobacco families type greenhouse, tobacco of shed and tobacco in rope, Sobradinho - RS. The choice of this city for the analysis must to the fact of this be mainly presented in its territory the existence of the three modalities in study. The research uses the revision of specialized literature, information of people-key and the results of the application of 40 questionnaires in the analyzed city. The main conclusions are that the tobacco greenhouse is that more it needs man power amongst the three studied modalities, however the type of exploration that more uses work of third is that one that it combines the tobacco production greenhouse and tobacco of shed. The analysis of the used technology and the particularities infrastructures of the properties allowed to show the influence of these components in the choice of the productive modalities for the tobacco producers.

* Doutora em Economia pela UNICAMP e Professora do Departamento de Economia – UFSM, Graduandos em Ciências Econômicas – UFSM, respectivamente.



Keywords: Technology. Work. Culture of the Tobacco.

1. Introdução

A produção de fumo no mundo cresceu 5% no período compreendido entre 2000 a 2009, neste mesmo interregno a produção de fumo Sul-brasileira cresceu mais de 38%¹. O Brasil é o segundo maior produtor, e maior exportador mundial de fumo², o número de famílias produtoras cresceu 38.36% e a área plantada mais de 45%. O consumo mundial decresceu 6% nesse mesmo período, o que remete a uma situação paradoxal, que encontra uma explicação nos movimentos de concorrência da macroeconomia internacional. Esses dados fornecem claros indícios que alguns países estão reduzindo as áreas cultivadas de fumo, em função de metas estabelecidas com a adesão às diretrizes impostas pela Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) que apontam para a queda do consumo mundial em considerável medida, devido às políticas antitabagistas.³

O Brasil, apesar de aderir a CQCT, apresentou um crescimento da produção, ocupando o espaço deixado pelos demais países. No Brasil, o cultivo do fumo é realizado, na maior parte, na região centro-oriental do estado do Rio Grande do Sul, que desde o seu início combinou a atividade industrial com mão de obra assalariada; e atividade agrícola, com uso de mão de obra familiar e contratação temporária de trabalhadores para fases específicas do processo produtivo⁴.

Uma análise das principais mudanças na produção fumageira da região permite caracterizar dois períodos distintos: o anterior à segunda metade da década de 1960, cuja principal característica consiste na presença majoritária do capital de origem nacional no complexo agroindustrial fumageiro⁵; o segundo período, posterior à década de 1970, fase de

¹A produção Sul-Brasileira representa 95,29% do total produzido no Brasil. AFUBRA 2010.

²Ver Anexo 2.

³A CQCT é um instrumento legal, sob forma de um tratado internacional, no qual os países signatários (Estados Partes) concordam em empreender esforços para alcançar objetivos definidos previamente, quais sejam o de preservar as gerações, presentes e futuras, das consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas do consumo e da exposição à fumaça do tabaco. Ela estabelece como algumas de suas obrigações a elaboração e atualização de políticas de controle do tabaco, o estabelecimento de um mecanismo de coordenação nacional e de cooperação com outros Estados Partes, e a proteção das políticas nacionais contra os interesses da indústria do tabaco. Ministério da Saúde 2010.

⁴Conforme se verá adiante, essas contratações de trabalhadores pelos agricultores familiares decorrem dos requerimentos de mão de obra no período de colheita e classificação do fumo em folha. Ver-se-á também que em algumas modalidades de produção, verifica-se uma fraca incidência de contratação desse tipo de trabalho.

⁵O beneficiamento do fumo iniciou-se em 1918, com a instalação da Companhia Souza Cruz que foi estabelecendo uma articulação efetiva com as famílias colonizadoras, sendo que, anteriormente às exportações se



consolidação do complexo, no qual se verificou uma centralização e desnacionalização desse parque industrial. Essas mudanças foram acompanhadas de transformações na parte agrícola da produção de tabaco. No segundo período, a forma artesanal de produção deu lugar à modernização do processo de trabalho fumicultor.⁶ Esta alteração implicou, também numa reorientação das modalidades produtivas adotadas pelos produtores de fumo em que a grande maioria deixa de produzir o fumo em corda, para produzir majoritariamente os fumos de estufa e de galpão.

O Anexo 2⁷ mostra a distribuição da produção fumageira e o número de produtores envolvidos no processo produtivo, considerando os três tipos de fumo produzidos no Sul do Brasil, quais sejam: Virgínia, Burley e Comum. Pode-se observar que, a produção total sul brasileira foi de 691.870 toneladas, sendo que 85,04% desse total produzido é fumo Virgínia, onde 51,19% dos produtores de fumo estão concentrados no Rio Grande do Sul.⁸

É ainda importante ressaltar que ao considerar as modalidades de produção de fumo estufa, Galpão e corda tem-se que o fumo do tipo Virgínia é àquele utilizado na produção do fumo tipo estufa, Os fumos Burley e Comum são utilizados na produção do fumo de galpão e o fumo em corda utiliza uma variedade específica, diferenciada das demais⁹.

2. Aspectos Tecnológicos na Produção dos Fumos: Estufa, Galpão e Corda

Esse item compreende primeiramente, o detalhamento do processo produtivo e tecnológico da produção de fumo nas três modalidades, e decorre do peso que essas variáveis têm na análise do dispêndio de trabalho na fumiicultura. Essa parte culmina com a apresentação das principais razões apontadas pelos produtores de fumo na escolha da

limitavam ao fumo não beneficiado. A caracterização sócio-econômica da Região fumicultora gaúcha é resultante tanto da forma como ocorreu a colonização ao norte do Estado, como da posterior instalação do processamento de fumo, onde a região apresenta muitos costumes e tradições peculiares, mesmo após três gerações desde a vinda dos primeiros colonizadores. Prieb, 2005.

⁶Ver Prieb, 2005.

⁷ O Anexo 2 apresenta em quatro tabelas especificadas para os tipos de fumo: Virgínia, Burley e Comum, caracterizados o total Sul brasileiro, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, bem como o número de famílias produtoras, de estufas, área produzida e valor da produção.

⁸Com relação aos preços pagos pelo quilograma de fumo, as tabelas B, C e D do Anexo 2 mostram que os preços dos três tipos de fumo pagos ao produtor, são superiores no Rio Grande do Sul, em relação aos outros estados da região Sul. Sobre a sistemática de formação dos preços na fumiicultura brasileira, ver Prieb & Ramos cap 2.

⁹A O espécie de tabaco utilizado para a produção do fumo em corda se diferencia do tipo Burley e Virgínia por ter um porte maior, podendo chegar aos três metros de altura, e por consequência, alcançar um número de até 50 folhas por pé.



modalidade a ser produzida, considerando as características gerais da terra disponível para o cultivo, investimento/financiamento e, disponibilidade do trabalho.

Todavia cabe ressaltar que se verificam vários determinantes monetários (financiamento), e não monetários (menor incerteza, inovações tecnológicas disponíveis, seguro da Afubra, facilidade na obtenção de financiamento, assistência técnica oferecida pelas empresas agroindustriais integradoras dentre outros fatores) que influenciam na escolha da produção do fumo de estufa e Galpão em relação ao cultivo do fumo em corda. Contudo, uma análise mais pertinaz deve considerar que a escolha dos produtores é mais ampla do que àquela que se circunscreve à atividade fumicultora e/ou agrícola, considerando também, as possibilidades de inserção em atividades não-agrícolas desde que estas se apresentam como possibilidade, cada vez mais presente nos espaços geográficos dos municípios.

As informações das subseções deste item são resultados da observação, entrevistas e de informações contidas na literatura especializada.

2.1 Fumo Estufa

O fumo de estufa é a cultura que exige o maior investimento em capital fixo e a tecnologia mais avançada para o cultivo, sendo a variedade Virgínia, a de melhor adaptação nessa modalidade de produção. O processo produtivo do fumo de estufa vai da produção das mudas até a cura do produto por estufas, tendo uma duração média de cinco meses. Após esse processo passa-se para a classificação e, somente depois o produto encontra-se pronto para a comercialização.

As mudas são produzidas através do sistema Float¹⁰, sendo que essa etapa tem duração média de 80 dias, na qual as mudas recebem aplicações intensivas de defensivos agrícolas para a prevenção de pragas e doenças durante todo o processo produtivo. Percebe-se já na primeira etapa da produção a exigência de investimentos de capital consideráveis, seja para a construção do viveiro ou para a obtenção dos insumos necessários.

A segunda etapa do processo produtivo consiste no transplante das mudas para a lavoura definitiva em solo já preparado e adubado, tendo duração média de três meses. As indústrias fumageiras prestam orientação técnica aos produtores durante toda a etapa de

¹⁰ Sistema em que as mudas são produzidas em bandejas flutuantes em tanques de água. Cada tanque comporta 60 bandejas que produzem 12 mil mudas. Esses tanques, por sua vez, recebem uma cobertura de talargarça plástica perfurada para prevenir a planta de geadas e ventos frios, típicos do inverno gaúcho. (AFUBRA)



acordo com o tipo de fumo a ser produzido, visando um produto de acordo com suas necessidades¹¹.

A terceira etapa consiste na colheita e cura do fumo em estufas a lenha. É a etapa que concentra o maior uso de mão de obra e o trabalho mais penoso. A colheita começa pelas folhas da parte inferior da planta, que adquirem a coloração amarelada primeiramente. Portanto, a maturação não ocorre de maneira uniforme, processando-se da parte inferior, denominada de baixeira (que apresenta qualidade e rendimento inferior às demais folhas), para a parte superior da planta.

Cada unidade desenvolve cerca de vinte folhas comercializáveis, sendo que, em média, são retiradas semanalmente de duas a três folhas por planta. Após a colheita, as folhas são amarradas em varas e colocadas nas estufas¹², onde se desenvolve o processo de curagem por aproximadamente cinco dias. A cura tem três fases distintas que consistem na amarelção da folha, na fixação da cor e na secagem do talo. Cada etapa exige temperaturas diferenciadas da estufa, que é mais baixa durante a amarelção da folha, subindo gradativamente até a mais alta, na etapa da secagem do talo.

Após a cura da totalidade da produção, o processo produtivo entra em sua última etapa onde ocorre o processo de retirada da estufa para posterior armazenamento do fumo no galpão. O fumo é colocado em cima de lonas, sacos, para que se consiga levar uma grande quantidade para o galpão, onde é empilhado e devidamente coberto para não pegar umidade e criar mofo. É preciso estocar para colher o fumo que está na lavoura. Somente em março o fumo estocado no galpão é retomado. Esta etapa, denominada de classificação, é realizada em galpões onde a produção permanece armazenada até a comercialização, fechando o ciclo.

Os procedimentos de classificação consistem basicamente na separação e diferenciação das folhas em diversas classes que são designadas por letras e números de acordo com sua posição na planta, cor e qualidade. Após ser manocado e classificado, o fumo é prensado numa caixa de madeira, onde é amarrado com cordões que formam os fardos. Etiqueta-se, com o nome do produtor, a classe e o peso, que deve ser entre 55 e 65 kg. Na

¹¹Considerando o rígido acompanhamento da empresa integradora, em cada etapa do processo produtivo, bem como a determinação dos insumos, tecnologia e a quantidade de produção que é adquirida por ela em cada safra pode-se afirmar que a produção é subsumida pelo capital. Obviamente tal subordinação não se restringe ao capital agroindustrial mas, ao capital global, uma vez que além deste, verifica-se uma transferência de valores produzidos no interior das explorações também, para o capital financeiro e comercial. Ver Prieb

¹²As estufas tem capacidade média de 500 varas de fumo e possuem em seu interior tubulações por onde circula o calor produzido pela combustão de material lenhoso colocado na fornalha (AFUBRA).



entrega do produto é realizada uma nova classificação, esta pela empresa, que define o valor pago ao agricultor de acordo com os preços estabelecidos a cada classe¹³.

O trabalho perdura praticamente de abril a julho. Às vezes, a empresa “determina” quando irá parar de buscar (transportar). É preciso, então, acelerar, trabalhar até muito tarde para terminar de aprontar tudo até a chegada do caminhão. Nesse período, trabalha-se muitas vezes até o começo da madrugada no galpão, para que se consiga aprontar o fumo, pois logo outro ciclo recomeça.

Entre julho e setembro é preciso arrumar a terra: análise do solo, colocação do calcário, ordenação da lenha para colheita. A lenha não é subsidiada pela empresa, e o agricultor que não possui lenha em sua propriedade precisa comprá-la. O período de classificação vai até julho, culminando com o processo de semeadura, que encerra o ciclo.

2.2 Fumo de Galpão

O fumo de Galpão engloba as variedades Burley e Comum que são considerados fumos escuro. Apresenta processo produtivo semelhante ao fumo de estufa nas primeiras etapas, sendo que a partir da colheita que o trato do fumo de galpão se diferencia do fumo de estufa. A colheita ocorre em uma única etapa, onde a planta é cortada e pendurada no interior de galpões para a curagem. A curagem tem a duração média de 30 dias, período de tempo bem superior ao fumo de estufa, contudo, durante esse tempo não necessita do controle rigoroso da temperatura. Após esse processo, o fumo é levado para o galpão onde as folhas são “destaladas” (processo no qual as folhas são retiradas do caule da planta) e, posteriormente, classificado tal como o fumo de estufa.

Em relação às outras modalidades, o fumo de galpão é o que menos utiliza agroquímicos no cultivo.

2.3 Fumo em Corda

¹³O número de classes existentes é regulamentado de acordo com a Instrução Normativa do Ministério da Agricultura. Existe um constante conflito de interesses entre representantes da indústria beneficiadora e agricultores em torno do número de classes existentes e da classificação efetuada na empresa que poucas vezes coincide com àquela realizada pelos produtores. As entidades representativas dos produtores defendem a redução do número de classes pressupondo que tal alteração redundaria na redução dos conflitos entre as duas partes.



Convencionou-se denominar nesta pesquisa os produtores de fumo em corda àqueles que majoritariamente se dedicam a produção de fumo em corda, contudo, muitos produtores dessa modalidade produtiva produzem, também, charutos elaborados com o fumo Virgínia e burley, palheiro pronto e charuto pronto.

O processo produtivo do fumo em corda diferencia-se dos demais somente após a colheita, pois ao invés do fumo passar pelo tradicional processo de curagem (na estufa ou galpão) e classificação como nas demais modalidades, este passa por etapas bem mais demoradas e que exigem um grande dispêndio de mão de obra até a comercialização. O período de tempo do plantio até o produto estar a disposição para a comercialização e consumo pode durar até dois anos, o que pode auxiliar na explicação da substituição dessa modalidade de produção pela de fumo de galpão e estufa.

Uma segunda particularidade refere-se ao fato de a comercialização não se restringir somente ao fumo em corda, mas também do líquido expelido pelo fumo durante o processo. Esse líquido, semelhante ao piche e denominado de “mel negro” é demandado pela empresas beneficiadoras e, portanto, assim como o fumo em corda, tem a comercialização garantida.

Uma das pessoas chave entrevistadas responsável pela comercialização do fumo em corda afirma que: “trinta e cinco anos atrás praticamente não havia quem produzisse fumo estufa, a produção era praticamente toda feita de fumo em corda sendo que produziam mais de dois milhões e quinhentos mil kg de fumo em corda. Atualmente, produz-se menos de 120 mil kg em Segredo e Sobradinho. Em Alagoas no município de Arapiraca produz-se 18 milhões de Kg de fumo em corda do tipo forte. Do ponto de vista do consumo, 90% é de fumo forte.”

Corroborar com essas informações o depoimento de outro produtor que afirma que: “até a década de 80 se plantava muito fumo de corda, depois as empresas, por sucessivos anos vinham pedir, propagandear para os produtores migrarem para a produção do tipo estufa. Faziam ofertas em dinheiro para quem deixasse de produzir fumo de corda para produzir o fumo de estufa”. A respeito da venda da produção do fumo de corda, afirmou que: “ao produzir o fumo em corda se entregava a produção da safra em um ano para receber no ano seguinte, sem garantias, apenas estava escrito “no caderno” do comprador, as pessoas acabaram migrando para a produção de fumo de estufa”.

O agricultor relata ainda, sobre a falta de garantias na venda do produto, que muitos produtores “foram vítimas de golpes”. Como existiam muitas famílias que vendiam fumo em



corda, alguns compradores não retornavam mais a região na safra seguinte, que seria o momento de pagamento pela compra do fumo da safra anterior. Nesse sentido, a essas famílias não restavam muitas alternativas senão aceitar as condições oferecidas pelas grandes empresas processadoras de fumo de estufa. As condições iam do financiamento de todos os custos de produção como insumos, e da própria construção dos fornos para a secagem do fumo.

2.4 Principais Razões na Escolha da Modalidade de Produção

Esta parte do trabalho mostra a partir da pesquisa de campo e das entrevistas efetuadas com pessoas-chave¹⁴ as principais motivações que levam os produtores a optar por determinada modalidade de produção de fumo: fumo estufa, fumo de galpão e fumo de corda. Cabe salientar que a pesquisa de campo mostrou a existência de uma categoria de produtores que combina a produção de fumo estufa com o fumo de galpão. Assim, as razões para a escolha dessa combinação, passam a ser perquiridas auxiliando na compreensão do objeto central de análise desta pesquisa. Vale lembrar que vários aspectos abordados na subseção anterior fornecem elementos que auxiliam na análise dos determinantes da escolha.

2.4.1 Características gerais da terra disponível para o cultivo

O fumo é uma cultura de origem tropical e se adapta melhor em regiões mais quentes e com solos não compactados nem úmidos. O fumo do tipo estufa não requer terra fértil¹⁵, para tanto se pode depreender que a fertilidade do solo não se constitui em uma barreira na escolha desta modalidade produtiva. Há que se salientar, porém, que para as variedades de fumos escuros: burley e comum, utilizados para a produção do fumo de galpão, como se evidenciou no item 2.2, estes cultivos requerem utilização de terra com solo de fertilidade média.

Percebe-se também de relatos que justificam a escolha do fumo produzido em razão da terra disponível. Segundo o agricultor Edemar Rech um dos fatores que ajudou na mudança da produção do fumo de corda para o fumo de estufa está relacionado com a

¹⁴ Técnico da Emater, Secretário da Agricultura do município, funcionário de empresa beneficiadora de fumo em corda.

¹⁵ Em pesquisa anterior já se verificou uma afirmação efetuada por um produtor: “Minha terra só da para o fumo”.



dificuldade de desmatar para se fazer novas lavouras. Segundo ele, o fumo de corda necessita de “terra nova” porque não se pode colocar nitrogênio nessa planta. Então as lavouras para o plantio de fumo de corda eram abandonadas e substituídas por novas áreas a cada três ou quatro safras. Com uma legislação que proíbe o desmatamento e uma fiscalização mais rigorosa tornou-se impossível essa prática.

2.4.2 Investimento/ financiamento da produção

Dentre as três modalidades, àquela que possui um maior custo de implantação do sistema é o fumo de estufa. O advento da modernização da agricultura no Brasil, coincidiu com a desnacionalização do setor fumicultor brasileiro e com a introdução de um sistema de produção composto por um pacote tecnológico de custo elevado. Isto implicou não só nos itens de investimento como no custeio da produção do fumo. Assim, as barreiras à entrada na produção de fumo se configuraram de modo a impedir a entrada de parte dos agricultores familiares do Sul do país. Após, paulatinamente foram incorporados novos elementos modernizantes na produção fumageira que expurgou os agricultores menos aptos.

A concorrência presente na atividade resulta de uma constante melhoria na qualidade do produto, que requer um padrão de qualidade internacional. Verifica-se, portanto, a elevação da escala mínima à permanência na atividade que obriga o pequeno produtor de fumo estufa à tecnificação contínua, o que na maior parte das vezes, implica em um endividamento crescente, resultando na eliminação dos produtores menos tecnificados.

A pesquisa de campo mostrou que alguns produtores que já produziam fumo de galpão e fumo em corda não migraram para a produção do fumo estufa devido ao fato de já possuírem as instalações, ou seja, é comum as propriedades rurais contarem com um galpão, independente da especialidade produtiva predominante. Assim, a justificativa apontada em 80% das duas modalidades é “não arriscar”. É importante destacar o que fora relatado por um dos entrevistados, que produz fumo de corda e que teria condições financeiras para migrar para outra modalidade produtiva, este percebe que a oferta de fumo em corda pelos produtores do município e região encontra-se em um patamar tal, que não incorpora novos ofertantes, ao contrário, ao longo do tempo verificou-se uma redução significativa desses, tal fato leva a manutenção de um retorno satisfatório àqueles que permanecem nesse ramo de atividade.



2.4.3 Disponibilidade do trabalho

Sabe-se que a cultura do tabaco decorre de uma prática que vai de geração em geração, o que permite afirmar que o conhecimento do modo de produzir constitui-se em um fator importante na escolha de determinada modalidade produtiva. Mas além desse fator estrutural, e ainda se referindo ao que ocorre “da fronteira para dentro”, deve-se considerar as novas exigências na forma de produzir, cujas alterações implicam em constante atualização e aperfeiçoamento dos trabalhadores do fumo. Com relação a esta particularidade, a pesquisa de campo permitiu apreender aspectos cruciais que permitem uma maior compreensão da “escolha” da modalidade produtiva.

Neste sentido, verificou-se que a existência de produtores que combinam a produção do fumo estufa com o fumo de galpão está vinculada, em grande medida, à disponibilidade de força de trabalho familiar no processo produtivo.

3. Aspectos Teóricos

Esta parte do artigo busca elucidar alguns aspectos gerais que caracterizam a estruturação do trabalho no meio rural na atualidade, e que fornecem elementos explicativos quando se observam às formas de inserção das pessoas e famílias no mercado de trabalho. Deste ponto de vista, há que se considerar que a estreiteza desse mercado combinado às particularidades das propriedades e ao subjetivo “apego” à tradição, acaba por conformar o tipo particular de inserção no mercado de trabalho, dos que vivem nas localidades que compõe o município de Sobradinho-RS.

É notório que a integração das nações, a partir dos movimentos de globalização e regionalização torna a maior parte dos processos da vida social similares. Não é diferente quando se trata do mercado de trabalho. Balsadi se refere à similitude e integração dos mercados de trabalho rural e urbano ao mostrar que:

Processos de produção uniformes, especialização da mão-de-obra, estabilidade no emprego eram, até pouco tempo, características marcantes da produção industrial no modelo fordista. Com as mudanças na produção industrial, houve uma aproximação do modelo de trabalho típico da agricultura (trabalho conta-própria, produção flexível, escassa divisão do trabalho, trabalho de mulheres e jovens, sazonalidade, subemprego etc.).... Suas características, que podem parecer restos do passado, ou aspectos do



caráter atrasado da agricultura, são perfeitamente compatíveis com a modernização capitalista ...” (Pugliese *apud* Balsadi p.30).

Bonanno (1989) também aborda algumas características semelhantes entre as estruturas do mercado de trabalho urbano e rural. Segundo o autor, apesar de ainda existirem diferenças entre a força de trabalho urbana e rural, tem sido observado um processo de homogeneização do trabalho. Sacco do Anjos (2003), afirma que o espaço rural é multifuncional e transcende às funções meramente produtivas, e enfatiza a importância de sua função no equilíbrio ecológico, suporte às atividades de recreação e preservação da paisagem.¹⁶

A busca de novas ocupações pelos agricultores, ou mesmo a maior difusão da agricultura em tempo parcial nos países desenvolvidos¹⁷ se tornou possível, segundo Graziano da Silva (1999) devido à intensificação e aumento do uso da mecanização da agricultura, e também aos programas de redução das áreas cultivadas e extensificação da produção agropecuária. Dessa forma, as conseqüências de tais mudanças, proporcionaram a liberação de indivíduos das famílias do campo para ocupações fora da propriedade, ou mesmo aqueles que já estavam individualmente envolvidos na produção agrícola reduziram o tempo de trabalho nessas atividades para se direcionarem a outras atividades rurais ou urbanas, as quais lhes proporcionassem mais renda (Baptista, 1994 *apud* Graziano da Silva, 1999).

Esses fenômenos, mesmo que não no mesmo estágio dos países desenvolvidos, já podem ser observados no Brasil, tanto que Prieb (2004) analisando o caso específico da fumiicultura gaúcha esse percentual é de 36,7%. Esses resultados mostram que a pluriatividade presente na região fumiicultora, diferente do se poderia esperar,¹⁸ não se apresentou sensivelmente inferior à pluriatividade do meio rural gaúcho, que estimado por Schneider e Radomsky (2004) foi de 45%.

¹⁶ Para o autor, esta realidade do espaço rural somado aos problemas provenientes a partir da prática da agricultura intensiva, implicou não apenas no reconhecimento mas, em uma reorientação do protecionismo da Política Econômica Européia (PAC).

¹⁷ No Brasil, tal como na maior parte dos outros países , desenvolvidos ou subdesenvolvidos, verifica-se a presença da pluriatividade. Esta, como se sabe, pressupõe a combinação de práticas agrícolas e não-agrícolas . O que muda de um país para outro, e dentro de determinado país, é o grau de pluriatividade e as razões que levam a ela. No caso brasileiro, na maior parte dos casos, alguns integrantes de famílias são “empurrados” para atividades não-agrícolas devido a necessidade de complementação da renda familiar

¹⁸ Esperava-se que os resultados acerca da pluriatividade na fumiicultura fossem sensivelmente menores do que a da agricultura diversificada, porque a amostra foi composta por pessoas e famílias produtoras de fumo articuladas ao complexo fumageiro, ou seja, todas tinham como atividade principal a fumiicultura. Tal resultado permitiu afirmar, que isso se explica a necessidade de busca de outras atividades para complementação da renda da renda familiar. Em estudos posteriores, sobre a aposentadoria rural na região fumiicultora, pode-se concluir que boa parte desses recursos são utilizados para viabilizar a própria atividade fumiicultora.



4 Aspectos Locacionais e Metodológicos do Estudo de Caso

Esta seção apresenta, primeiramente, particularidades econômicas, geográficas ocupacionais, e de desenvolvimento humano do município de Sobradinho. A segunda parte mostra particularidades acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa de campo.

4.1 Caracterização do município de Sobradinho

Localizado no centro do Estado do Rio Grande do Sul, o município de Sobradinho pertence ao Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Vale do Rio Pardo, e possui uma estimativa populacional de 14.285 habitantes, numa área total de 130,39 km² de acordo com os dados censitários de 2010.

A agricultura familiar no município se caracteriza tipicamente pela forma de colonização que assumiu desde três ou quatro gerações, e pelo relevo acidentado, que ajudaram a determinar os cultivos agrícolas estabelecidos, sendo que o fumo forma a base da matriz produtiva da região. O município é marcado por diversas etnias, tais como, índios, alemães, italianos e caboclos que assinalam uma rica diversidade cultural.

A renda do município baseia-se essencialmente na agricultura familiar e no comércio varejista local, com Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 10.266,00 em 2007 de acordo com Fundação de Economia e Estatística (FEE), portanto, abaixo da média do Estado do Rio Grande do Sul, que no mesmo ano, foi de R\$ 16.689,00. Ainda segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2003, verificava-se em Sobradinho, uma incidência de pobreza de 24,03% e um índice de Gini¹⁹ de 0,39 no mesmo ano.

¹⁹ Mensura o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0 (quando não há desigualdade) a 1, (quando a desigualdade é máxima).

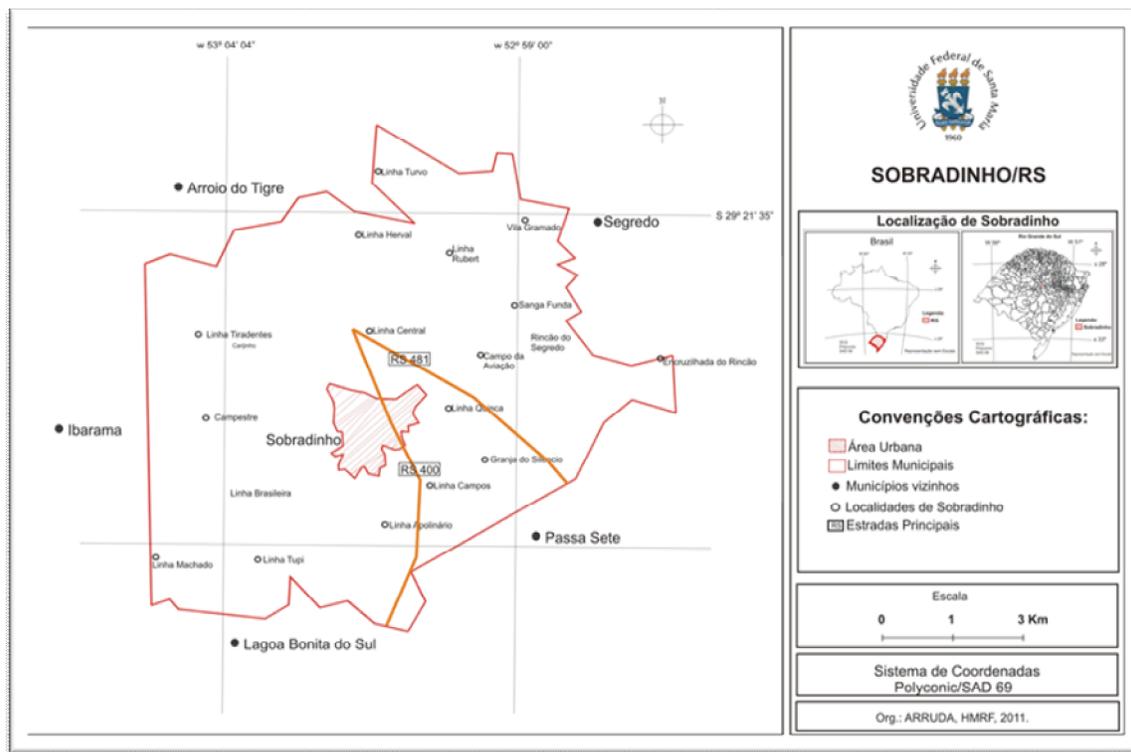


Figura 1: Localização Geográfica de Sobradinho, RS.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município perfaz 0,753, ficando abaixo do índice estadual (0,814) e nacional (0,766) em 2000, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Salienta-se que o IDH surge como contraponto ao indicador do PIB, que mensura somente a dimensão econômica do desenvolvimento e, assim, o IDH se propõe a analisar outras facetas do desenvolvimento, levando em conta a longevidade e a educação. No entanto, é fato que o mesmo não capta todos os aspectos do desenvolvimento, sendo, então considerado neste trabalho somente pela aceitabilidade do indicador, sem o objetivo de sintetizar no mesmo a complexa temática do desenvolvimento.

Sobradinho possui 695 estabelecimentos agropecuários com 2.320 pessoas ocupadas nestas propriedades. Quanto à área destes estabelecimentos, observa-se, de acordo com o Censo Agropecuário de 2006, que ocupam um total de 9.343 hectares de terra, perfazendo uma média de 13,44 hectares por estabelecimento.

A estrutura fundiária de Sobradinho mostra que 78,13% dos 695 estabelecimentos agropecuários existentes, a condição dos informantes é de proprietário, perfazendo um total de 543 estabelecimentos. Ainda há 61 informantes na condição de ocupantes de terra, 51



arrendatários, 17 na condição de parceiro e, ainda, 15 sem área definida e outros 8 informantes são assentados sem titulação definitiva. Então, mesmo que o percentual de proprietários seja elevado, a estrutura fundiária demonstra que ainda há problemas quanto o acesso e posse da terra.

Quanto à matriz produtiva do município, observa-se que a produção de fumo, representou 81,04% do total do valor da Produção, nas lavouras temporárias, no ano de 2009, e 79,17% quando considerado o total produzido nas lavouras temporárias e permanentes. Outras culturas que se destacam na produção agrícola são o milho, soja e mandioca em lavouras temporárias, e, uva, pêssego, tangerina e pêra em lavouras permanentes no ano de 2009. Pode-se concluir, portanto, que a economia do município é essencialmente dependente da cultura do fumo.

4.2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa sobre a tecnologia e o trabalho na fumicultura contou essencialmente com dois procedimentos: primeiramente a pesquisa bibliográfica e revisão da literatura especializada, bem como da análise documental de dados disponíveis em entidades como AFUBRA e IBGE. Posteriormente, utilizou-se uma pesquisa de campo como fonte de informação.

Para realização da pesquisa de campo, recorreu-se chamado “método de pesquisa rápida” (*rapid assessment* ou *quick appraisal*). Tal método foi utilizado por ser capaz de cumprir os objetivos propostos neste estudo, levando em conta às limitações de tempo e de financiamento, e assim, mostrando-se uma alternativa à avaliação utilizando métodos convencionais de pesquisa amostral (*surveys*). Segundo Buainain e Souza Filho (2009:37), “Trata-se de uma abordagem pragmática, que utiliza métodos de coleta de informações convencionais, porém reduzindo o rigor estatístico em favor da eficiência operacional”. Esse método consiste na aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas a “agentes-chave” envolvidos no sistema, como produtores rurais, dirigentes municipais e de empresas, técnicos responsáveis e pesquisadores.²⁰ Junto às entrevistas semi-estruturadas realizadas aos agentes-chave e a observação direta das propriedades rurais, foi aplicado um questionário a uma amostra definida através de amostragem aleatória simples, levando em conta a proporção

²⁰ A falta de rigor estatístico pode questionar os resultados nesse ponto. Entretanto, os mesmos não perdem o caráter qualitativo validado pela observação direta.



de famílias produtoras de fumo das localidades do município de Sobradinho – RS, definindo-se esta em 40 produtores rurais.

Assim sendo, para a análise dos aspectos tecnológicos em cada uma das modalidades estudadas, o questionário foi aplicado a quarenta chefes de família que produzem fumo, onde ao final, dividindo-se proporcionalmente em modalidades cultivadas estruturou-se em: 23 produtores de fumo estufa, 4 produtores de fumo de galpão, 10 produtores de fumo de estufa e galpão e 3 produtores de fumo em corda.

5. O Estudo de Caso: Transformações Recentes na Fumicultura de Sobradinho - RS

Conforme descrito anteriormente, a escolha do município deve-se a importância que assume a produção fumageira no município de Sobradinho e, principalmente por abarcar as três modalidades de produção: fumo de estufa, fumo de galpão e fumo de corda. Observou-se em pesquisa exploratória que um grupo de produtores combina a produção de fumo de estufa e fumo de galpão. Assim sendo, incorporou-se mais esse tipo à análise que acabou por se tornar um dos principais elementos capazes de elucidar as particularidades tecnológicas nas diferentes modalidades de produção do fumo.

Os questionários foram aplicados conforme definição da amostra, para 23 produtores de fumo estufa (Tipo 1), 4 fumo de galpão (Tipo 2), 10 que combinam a produção de fumo estufa e fumo de galpão (Tipo 3) e 3 produtores de fumo em corda (Tipo 4). Em percentuais: 57% pertencentes ao tipo 1; 10% ao tipo 2; 25% pertencem ao tipo 3, e 8% ao tipo 4.²¹

5.1. Dados gerais

Esta parte do trabalho, primeiramente, apresenta uma breve descrição das características gerais das unidades produtivas e dos produtores de fumo entrevistados, e num segundo momento incursiona na especificidade dos aspectos relevantes que objetivam a pesquisa proposta, quais sejam: análise das particularidades tecnológicas e do trabalho fumicultor.

²¹ 89% do total dos entrevistados são sócios da AFUBRA (Associação Brasileira de Produtores de Fumo. Nenhum dos produtores de fumo de galpão é sócio desta entidade.



O quadro 1 apresenta as características gerais da amostra de 40 famílias produtoras de fumo, e um total de 140 pessoas, o que representa 3,5 residentes, em média, por domicílio²². Analisando o perfil dos entrevistados, representados pelos chefes da unidade familiar, percebe-se que a maioria possui o ensino fundamental incompleto, sendo que mais de 60% deles apresenta menos de cinco anos de estudo, em média.

Como já evidenciado em estudos anteriores,²³ a baixa escolaridade não afeta o desempenho na produção fumicultora, uma vez que, o conhecimento adquirido ao longo dos anos que vai de geração em geração permite um aprimoramento contínuo, que é promovido pelas empresas fumageiras, e cujo resultado final é a venda no mercado internacional de um produto: o fumo em folha de boa qualidade.

Características Gerais da Amostra		
Características		Valor
Numero de domicílios		40
Numero de residentes		140
Residentes por domicílio		3.5
Tamanho médio da família		3.5
Gênero		
Homens		50.36%
Mulheres		49.64%
Idade média		46.6
Escolaridade		
Analfabetos		2.63%
Ensino fundamental completo		15.79%
Ensino médio completo		15.79%
Ensino superior		5.26%

Quadro 1: Características Gerais da Amostra

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Com relação à distância da propriedade das famílias ao centro municipal, pôde-se observar que 66% dessas distam no máximo 5 km do centro do município, e os restantes pertencem à faixa de 5 a 10 km. A maior parte dos entrevistados, afirmaram que a distância ao centro do município, não dificultaria a ida dos filhos à escola, bem como de outras necessidades relacionais com estabelecimentos bancários e comerciais, isso devido à regularidade do transporte coletivo, e também da constatação de que a grande maioria dos

²² O tamanho médio das propriedades é de 15.65789 hectares e o desvio padrão de 12.028 o que de alguma forma permite compreender os resultados das pesquisa de campo.

²³ Prieb, Rita P. (1995). A autora aponta como implicação mais importante da baixa escolaridade a dificuldade de inserção de alguns integrantes da unidade familiar em alguns nichos de mercado de trabalho não agrícola.



produtores, ou seja, 88% desses, contam com meio de transporte particular como carro ou motocicleta. Pode-se perceber que a distância das propriedades não influencia, sobremaneira, na orientação de membros às atividades não-agrícolas.²⁴

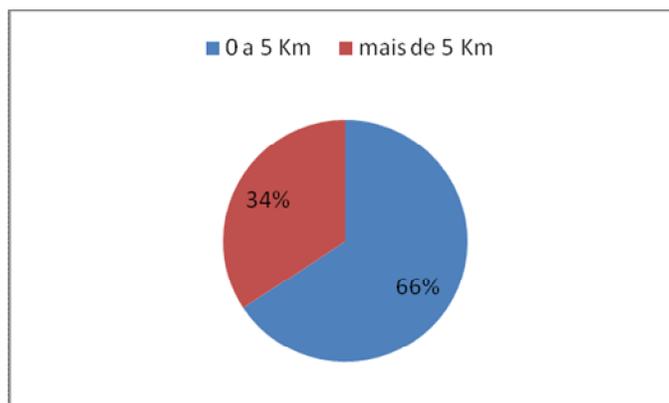


Figura 2: Distância do centro do município

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

5.2 Análise das particularidades do trabalho nas modalidades produtivas de fumo

Primeiramente, a partir das informações obtidas na pesquisa de campo, procurou-se entender as particularidades do trabalho fumicultor, tais como: as relações de mão obra utilizada, o dispêndio de trabalho em cada parte do processo produtivo, entre outras, e assim elencar as possíveis diferenças encontradas nas relações e dispêndio de trabalho em cada modalidade cultivada. Após, analisou-se também outras questões relevantes a produção fumicultora que podem, de alguma forma, interferir nas decisões dos produtores em assumir uma ou outra medida na condução da sua produção (incorporando-se aí as decisões relativas ao trabalho), como a extensão da propriedade e a satisfação em relação aos preços pagos pelas empresas fumageiras.

5.2.1 Tecnologia e trabalho na produção agrícola do fumo

²⁴ A maior parte dos estudos sobre a pluriatividade e trabalho em tempo parcial, mostram que a distância das propriedades aos centros urbanos ou zonas metropolitanas é um fator importante na análise da inserção das famílias e pessoas em atividades não-agrícolas. Este estudo não refuta essas conclusões, porém adverte que a particularidade demográfica do município de Sobradinho - que não conta com o chamado “rural profundo” – é que acaba por tornar esse fator irrelevante na análise.



É visto que os processos produtivos tecnológicos apresentam implicações decisivas no trabalho das principais atividades produtivas capitalistas. Tal fato não apresenta características muito diferenciadas para o caso dos agricultores familiares fumageiros. Essas influências tornam sua análise ainda mais relevante quando se trata de formas de trabalho diferenciadas. Enfim, a maneira como se apresenta o processo de produção nos diferentes tipos analisados, é fator influente quanto à incidência de tempo de trabalho empregado na produção.

As informações contidas nas entrevistas, observação das propriedades e revisão da literatura especializada, mostrou que a produção de fumo em corda é a que demanda mais tempo de trabalho. Isso decorre do fato de seu processo produtivo ser prolongado e essencialmente artesanal, resultado da peculiaridade na qual o produtor de fumo em corda está envolvido, qual seja em um processo de produção que muito se identifica com o simples beneficiamento, porém isso não deprecia a forma específica e caracterizadora de seu trabalho, que é essencialmente de cunho especializado.²⁵ Dessa forma, mais do que cultivar o fumo em folha, ele também é responsável por boa parte do seu processamento para a transformação em produto final, portanto, é esperado que o dispêndio de trabalho seja superior às outras modalidades.

O Quadro 2, apresenta dados relativos dos membros das famílias envolvidas na produção, e as quantidades médias de trabalhadores contratados em cada fase do processo produtivo, considerando os diferentes tipos analisados.

Considerando que o tamanho médio das famílias é de 3.5 pessoas, e que nos diferentes tipos essa quantidade é similar, percebe-se que, em média, mais da metade dos residentes de cada família estão envolvidos na fumicultura, sendo que o restante compreende as pessoas que não se envolvem diretamente na produção como crianças e idosos, e a parcela de residentes que se dedicam exclusivamente a outras atividades.

²⁵ Essas conclusões permitem uma investigação mais acurada, acerca dos motivos que levam a uma diminuição desse tipo de produção na região, cuja forma de produção é arcaica em relação aos processos produtivos que incorporam ao longo do tempo, inovações tecnológicas. Obviamente, isto não explica mudanças na produção derivadas de alterações nos hábitos de consumo.



Relações de Trabalho na produção fumageira nas diferentes modalidades					
A. Número médio de membros residentes envolvidos em cada fase da produção					
	Tipo		Tipo 3		Tipo 4
	1	Tipo 2	Estufa	Galpão	Corda
1 – Plantio	2.47	1.25	2.15	2.15	2.33
2 – Colheita	2.47	1.25	2.15	2.15	2.33
3 – Cura	1.82	1.25	2.15	2	2.33
Percentual de famílias que contrataram mão de obra	87%	75%	90%		33%
B. Número médio de trabalhadores contratados por fase de produção					
1 – Plantio	0.39	0.5	0.8	0.6	0.33
2 – Colheita	1.91	1	2	1.4	0.33
3 – Cura	0.26	0.25	0	0	0.33

Quadro 2: Relação de Trabalho na produção fumageira nas diferentes modalidades

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O Quadro 2 mostra que em relação a mão de obra contratada pelos fumicultores, os quais em sua maioria utilizam-na em ao menos uma parte do processo produtivo, a colheita é a fase da produção que demanda mais trabalho²⁶ e por conseguinte, é a fase que mais utiliza mão-de-obra contratada, com exceção ao fumo de corda, cujos dados amostrais revelam o mesmo número médio de pessoas contratadas nas diferentes fases do processo produtivo.²⁷

Dentre os tipos analisados, a fase da colheita do fumo estufa demanda, em termos absolutos, mais trabalho em comparação aos outros tipos. Essa constatação fica melhor evidenciada quando se realiza a somatória de alguns resultados apresentados na Parte A e B do Quadro 3, que mostra que o número médio de pessoas pertencentes as famílias produtoras de fumo envolvidos na colheita (2,47), mais o número médio de trabalhadores contratados

²⁶ Lembrando que no caso do fumo estufa, a cura é realizada artificialmente, isto é, na maior parte dos casos, em estufas com tubulações onde circula o calor produzido pela combustão de lenha colocado na fornalha, diferente do fumo de galpão em que o processo de cura ocorre naturalmente em galpões sem a necessidade de utilização de calor induzido de forma artificial seja pela lenha ou estufa elétrica.

²⁷ A entrevista com Representante da AFUBRA informou que, em média, trabalhariam na lavoura de 2,5 há 2,9 pessoas da família mais 1,8 pessoas contratadas na colheita o que representaria a mão-de-obra sazonal.



nessa fase (1,91) totalizam 4,38 pessoas. O número médio total de pessoas envolvidas na fase do plantio é de 2,86 pessoas, e no processo de cura é de 2,66 pessoas, em média.

Com relação à contratação de trabalho fora da propriedade, observou-se que o Tipo 1 em termos absolutos é o que mais contrata trabalhadores (2,56). Isto se explica basicamente, em função das necessidades de mão-de-obra na fase da colheita. Todavia, o Tipo 3 na fase específica da colheita é o que mais contrata trabalhadores (3,4), isto certamente se deve ao fato dessas famílias serem menos numerosas e/ou terem mais pessoas vinculadas a atividades não-agrícolas.

O fumo de estufa apresenta duas diferenças importantes em relação ao fumo de galpão, que podem auxiliar na elucidação dos motivos das escolhas dos produtores pelo seu plantio isoladamente ou associada ao fumo de galpão: a) a primeira delas se dá na colheita, onde no caso do fumo de galpão não exige de uma quantidade mínima de produto para a curagem, sendo que a colheita pode ocorrer nas horas em que o agricultor não necessita do uso de sua mão de obra na produção do fumo estufa ou em outra atividade. Além disso, a colheita pode ser interrompida em caso de intempéries climáticas ou qualquer outro imprevisto. Isto corrobora os resultados apresentados na Tabela 2 que mostra uma diferença de 90% entre a utilização de trabalho de terceiros entre uma modalidade produtiva e outra; b) uma segunda diferença está na curagem do fumo. Enquanto o fumo de estufa necessita durante o tempo que está secando (em média cinco dias), de cuidados intensivos de trabalho, ou metas rígidas de execução do trabalho, inclusive de exigência de trabalho noturno para que a estufa fique o tempo todo na temperatura desejada o fumo de galpão não necessita de cuidado algum nesta etapa, ou seja, a necessidade de utilização de trabalho nesta fase é menor e, conseqüentemente é menor à necessidade de contratação do trabalho de terceiros.

A relação de trabalho majoritariamente utilizada é a de diarista (76%), e minoritariamente utilizada é a de assalariado (3%), sendo que conforme visto anteriormente esses contratados prestam trabalho em etapas específicas da produção, normalmente na colheita de fumo.

Em uma análise que considera todos os entrevistados pode-se observar que 32% destes possuem membros da família, que nos últimos 12 meses trabalharam fora da propriedade, sendo que destes, 95% trabalharam com carteira assinada. Isto demonstra que apesar das famílias terem menor proporção de pessoas trabalhando fora do que contratando (84% na média total), a particularidade do trabalho é diferenciada. A maior parte da



contratação é emprego temporário e, a maior parte da venda da força de trabalho ocorre no mercado formal de trabalho.

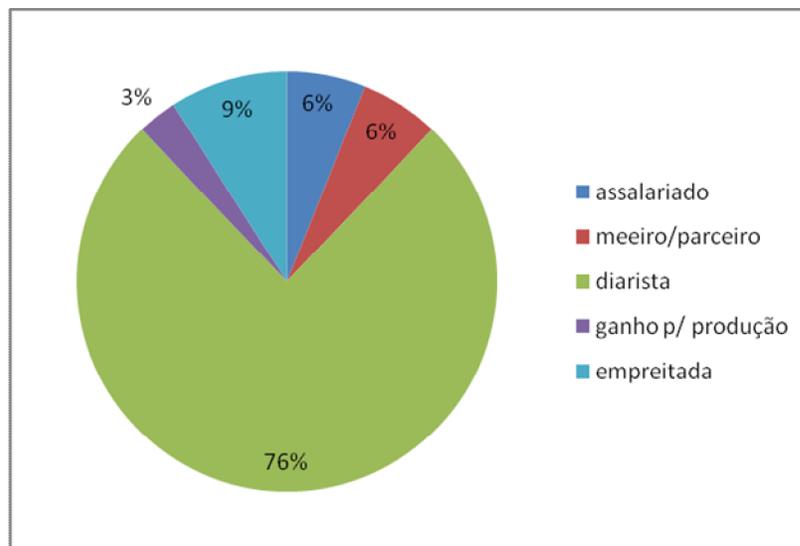


Figura 3: Relação de trabalho utilizada

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.



Figura 4: Residente que trabalhou fora da propriedade

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Os tipos de empregos das pessoas que vendem sua força de trabalho e possuem carteira assinada são: 5 professores, 2 comerciários, 2 funcionários públicos municipais, 1 instrutor fumageiro, 1 comprador de fumo (picareta), 1 funcionário do cartório eleitoral e 1



bancário. Portanto, 32% das famílias entrevistadas possuem pelo menos um membro em idade ativa dedicado a outras atividades no interior da exploração.

A porcentagem de famílias pluriativas encontradas na pesquisa de campo permite afirmar que a pluriatividade inter-setorial é inferior a encontrada em estudos anteriores por Schneider (2004) para o Rio Grande do Sul e pouco inferior à encontrada por Prieb (2004) para a região fumicultora gaúcha. Esse fato provavelmente decorre da escolha da região objeto de estudo em que naquela pesquisa muitos dos produtores tinham suas propriedades próximas às empresas fumageiras. Dessa forma a autora mostra a existência de muitos trabalhadores *part time*, isto é, que combinam a prática da produção do fumo em folha e o trabalho nas empresas fumageiras.

6. Conclusão

Apreenderam-se as determinações mais gerais da exploração e as particularidades das famílias e pessoas envolvidas nas três modalidades de produção: fumo estufa, fumo de Galpão e fumo em corda e de explorações que combinam a produção do fumo estufa e fumo de galpão. A análise acerca do dispêndio de trabalho na produção demonstrou que o fumo estufa é que mais necessita de mão-de-obra dentre as três modalidades estudadas, enquanto que, o fumo em corda é o que mais exige tempo de trabalho. Todavia, o tipo de exploração que mais utiliza trabalho de terceiros é aquela que combina a produção de fumo estufa e fumo de galpão

No que respeita os determinantes de escolha de uma particular modalidade produtiva ou da combinação de duas, conforme convencionados os Tipos I, II, III e IV verificam-se como decisivos os determinantes monetários (capacidade de investimento e financiamento), e não monetários (menor incerteza, inovações tecnológicas disponíveis, seguro da Afubra, facilidade na obtenção de financiamento, assistência técnica oferecida pelas empresas agroindustriais integradoras dentre outros fatores) que influenciam na escolha da produção do fumo de estufa e Galpão em relação ao cultivo do fumo em corda. Apesar da produção do fumo Virgínia não requerer terra de boa qualidade, diferentemente o fumo de galpão exige melhor qualidade da terra, isto explica parcialmente a escolha da modalidade pelo produtor.

Além disso, apresenta uma necessidade de capital para a produção menor, pois o custo de instalação de um galpão é menor que o de uma estufa e, além disso, não necessita de



lenha e ou energia elétrica durante essa etapa. Portanto, percebe-se que esse tipo de fumo apresenta um processo de curagem menos dispendioso em mão de obra e capital.

Obviamente que uma análise mais pertinaz deve considerar que a escolha dos produtores é mais ampla do que àquela que se circunscreve à atividade fumicultora e/ou agrícola, considerando também, as possibilidades de inserção em atividades não-agrícolas, uma vez que estas se apresentam como possibilidade, cada vez mais presente nos espaços geográficos dos municípios.

A análise da tecnologia utilizada e das particularidades infra-estruturais das propriedades permitiu mostrar a influência destes componentes na escolha das modalidades. Todavia um aprofundamento dessa pesquisa deverá abordar o que ocorre no âmbito da circulação, mais explicitamente na influência dos hábitos de consumo que são decisivos no fluxo oferta de cigarros cigarrilhas e charutos que conformam trajetórias distintas de consumo ao longo do tempo.

7. Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES DO BRASIL (AFUBRA) Disponível em:

<www.afubra.com.br> Acesso em novembro de 2010.

BALSADI, O. V. **Mudanças rurais e o emprego no estado de São Paulo nos anos 90.**

Editora Anna Blume, Julho de 2002 156 p.

BUAINAIN, M, e SOUZA FILHO, H. M. **Organização e funcionamento do mercado de tabaco no Sul do Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. P 37- 107.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA) – Convenção-Quadro para o Controle de Tabaco. Disponível em:

<<http://www.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=cquadro3&link=perguntas.htm>>

Acesso em novembro de 2010

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul.** São Paulo: 2006, p.252-254.

MINGIONI, E. e PUGLIESE. **A difícil delimitação do urbano e do rural.** Revista crítica de Ciências Sociais, Lisboa. 1987, p. 83- 87.



PRIEB, R. I. P. **Presença de Pluriatividade na produção familiar articulada ao complexo fumageiro gaúcho.** In, CAMPANHOLA, C. e GRAZIANO DA SILVA, J. “O Novo Rural Brasileiro - Renda das Famílias Rurais” vol. 5, Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF, 2004. p. 321-355.

SCHNEIDER, S. e RADOMSKY, G. F. W. **A pluriatividade e as transformações do mercado de trabalho rural gaúcho: Estudo de caso no município de Barão, RS.** In CAMPANHOLA, C. e GRAZIANO DA SILVA, J. “O Novo Rural Brasileiro - Renda das Famílias Rurais” vol. 5, Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF, 2004. p.263-316.

SACCO DOS ANJOS, F. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil.** Pelotas: EGUFPEL,2003. 374 p.

ANEXO 1:

FUMICULTURA MUNDIAL							
Safrá: 2008/09							
PAÍS		PRODUÇÃO DE TABACO t		TONELADAS			
		Crú	Processado	Consumo	Estoque	Export.	Import.
1	China	2.929.920	2.636.930	2.744.010	417.050	153.190	386.370
2	Brasil	778.820	700.940	97.070	238.620	696.140	7.840
3	Índia	737.330	663.590	462.270	93.140	231.310	1.060
4	Estados Unidos	359.270	323.340	438.640	1.532.520	126.070	262.670
5	Malavi	231.980	208.780	1.280	95.740	140.070	110
6	Turquia	178.910	161.020	116.480	26.440	111.940	34.690
7	Indonésia	152.060	136.850	146.910	114.340	22.880	31.270
8	Argentina	135.560	122.010	29.740	325.280	83.340	1.850
9	Itália	102.920	92.630	40.730	207.640	55.500	42.860
10	Thailândia	64.720	58.250	22.880	159.880	27.640	4.880
93	Outros	1.232.720	1.109.450	1.908.210	1.656.100	641.890	1.516.370
103	TOTAL	6.904.210	6.213.790	6.008.220	4.866.750	2.289.970	2.289.970

ANEXO 2:

RIO GRANDE DO SUL									
Safrá: 2009/10									
Nº	MUNICÍPIO	PRODUTORES				PRODUÇÃO ton			
		VA	BY	CO	TOTAL	VA	BY	CO	TOTAL
1	Estrela Velha	111	501	51	663	369,8	806,2	96,0	1.272,0
2	Segredo	1.096	213	10	1.319	5.265,4	290,0	32,4	5.587,8
3	Sobradinho	663	130	19	812	3.061,4	161,5	34,5	3.257,4
3	TOTAL	1.870	844	80	2.794	8.697	1.258	163	10.117

Afubra



SUL DO BRASIL									
Mun	ESTADO	PRODUTORES				PRODUÇÃO ton			
		VA	BY	CO	TOTAL	VA	BY	CO	TOTAL
304	Rio Grande do Sul	73.280	21.060	440	94.780	279.660	37.310	810	317.780
235	Santa Catarina	37.420	17.320	430	55.170	204.680	36.690	590	241.960
180	Paraná	22.060	9.880	3.270	35.210	104.080	20.710	7.340	132.130
719	TOTAL	132.760	48.260	4.140	185.160	588.420	94.710	8.740	691.870

Afubra

SAFRA: 2009/10							
TIPOS	FAMÍLIAS Produtoras	Nº de ESTUFAS	ÁREA ha	PRODUÇÃO TON.	kg/ha	VALOR US\$/kg	RS/kg
RIO GRANDE DO SUL							
Virginia	73.280	98.090	153.360	279.660	1.824	3,63	6,55
Burley	21.060		27.160	37.310	1.374	3,22	5,80
Comum	440		410	810	1.976	2,33	4,20
TOTAL	94.780	98.090	180.930	317.780	1.756	3,58	6,46
SANTA CATARINA							
Virginia	37.420	46.320	101.650	204.680	2.014	3,61	6,51
Burley	17.320		22.620	36.690	1.622	3,17	5,71
Comum	430		360	590	1.639	2,30	4,15
TOTAL	55.170	46.320	124.630	241.960	1.941	3,54	6,38
PARANÁ							
Virginia	22.060	24.170	47.950	104.080	2.171	3,48	6,27
Burley	9.880		12.870	20.710	1.609	3,11	5,61
Comum	3.270		4.450	7.340	1.649	2,20	3,97
TOTAL	35.210	24.170	65.270	132.130	2.024	3,35	6,04
TOTAL SULBRASILEIRO							
VA.	132.760	168.580	302.960	588.420	1.942	3,60	6,49
BY.	48.260		62.650	94.710	1.512	3,17	5,72
CO.	4.140		5.220	8.740	1.674	2,22	4,00
TOTAL	185.160	168.580	370.830	691.870	1.866	3,52	6,35

Afubra

Recebido em Setembro de 2011
 Aprovado em Outubro de 2011